



GEPAD EM QUARENTENA – NÚMERO 18

"Quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça" - e o que diria Josué de Castro sobre o Coronavirus?

É de consenso das autoridades de saúde mundial, quais ações são necessárias para prevenir a COVID-19, ou seja, “lavar as mãos com água e sabão, higienizar os alimentos e o ambiente de convívio, bem como o isolamento social nesse momento”. Aliada a essas ações, a população deve acessar uma alimentação saudável e de qualidade, com valores nutricionais adequados! Pois bem, chamo a atenção que, há tempos, profissionais da “medicina social”, têm indicado e recomendado essas diretrizes para o combate a diferentes males. Uma abordagem que, via de regra segue na contramão do mercado de saúde no Brasil e no mundo.

No entanto parte considerável da população continua não acessando a serviços essenciais como, água potável, coleta de lixo, saneamento básico, energia elétrica e alimentação de qualidade. São antigos problemas que ainda se fazem presentes em nossa realidade, o que nos faz perceber que essas populações se tornam duplamente vulneráveis, frente ao contágio e tratamento de diferentes enfermidades.

Ao longo da história do nosso país, alguns atores se destacaram nos estudos históricos que impulsionaram a “medicina social”, a segurança alimentar, nutricional e questões

sanitárias. Em 1906, Oswaldo Cruz, a frente do Departamento Geral de Saúde Pública, preconizava como a transformação do perfil alimentar da população era importante, como medida preventiva para combater outro mal, também ligado a doenças do aparelho respiratório que assombrava a população brasileira e mundial, a “tuberculose”.

O médico e higienista Eduardo Magalhães, em 1908, trouxe para o debate público as questões necessárias para transformar a alimentação da população brasileira. Porém, nenhum deles foi tão emblemático quanto Josué de Castro. Médico, geógrafo, em 1930 lançou o, conto “Caranguejos: o biológico e o social da fome”, trazendo um retrato fiel da realidade brasileira sobre os problemas sanitários de segurança alimentar e nutricional, indicando que uma boa alimentação, torna-se uma necessidade estratégica para o Estado.

Através da construção de diferentes conhecimentos e saberes tradicionais e técnicos, o autor expressa sua preocupação, “[...] *o desconhecimento das noções elementares de higiene, não permitem ao povo penetrar no verdadeiro sentido da ciência da nutrição, através de uma exposição doutrinária da disciplina. Só por intermédio de uma cartilha de alimentação, expressamente elementar, podem estes conhecimentos, indispensáveis à higiene alimentar, chegar ao pensamento das massas*” (CASTRO, 1937, p. 34).

Provavelmente Josué de Castro ficaria perplexo ao evidenciar, como ainda persistem os problemas de vulnerabilidade alimentar e sanitária das populações de baixa renda e das periferias das cidades brasileiras. O que Josué de Castro diria em meio a tamanho caos do sistema de saúde e o atual despreparo do Estado quanto às questões sanitárias da sociedade brasileira?

A resposta a essa pergunta não estaria diretamente ligada ao dito popular, “bem que eu te avisei! Há mais de um século estudiosos renomados se debruçaram sobre essas questões, como tantos outros o fazem nos dias atuais. Porém me parece que quando somos colocados à prova, identificamos as inúmeras fragilidades e a incapacidade do Estado de atender a serviços essenciais a população.

Ainda nos anos de 1990, Chico Science, ávido defensor das questões sociais, alimentares e políticas do Brasil, em sua música (Da Lama ao Caos) faz referência a Josué de Castro, apresentando a seguinte reflexão,

*“Ô Josué eu nunca vi tamanha desgraça
Quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça
Peguei um balaio fui na feira roubar tomate e cebola
Ia passando uma veia e pegou a minha cenoura
Aê minha veia deixa a cenoura aqui*

Com a barriga vazia eu não consigo dormir

E com o bucho mais cheio comecei a pensar

Que eu me organizando posso desorganizar

Que eu me desorganizando posso me organiza (Chico Science, Da lama ao Caos).

A miséria, a fome, o desespero e a violência social andam juntas. Assim voltamos à perspectiva crítica de Josué de Castro e outros autores de sua época. Existem mesmo “dois Brasis”? Temos visto um segmento empresarial neoliberal que defende a todo custo interesses econômicos e políticos, a partir da tentativa de implementação da quarentena vertical. Por outro lado, cientistas, professores, estudantes, trabalhadores, agricultores, profissionais de saúde e demais cidadãos que dependem do transporte público insalubre, das feiras livres e mercados para comprar e comercializar seus produtos, que diariamente contribuem com o suor de seu rosto e a força de seu corpo para fazer a economia girar. É nesse contexto, que se faz necessária a ampliação de programas e políticas que garantam renda mínima e assistência as populações em condição de vulnerabilidade social e econômica. Somos vítimas do nosso próprio descaso, frente a manutenção de políticas e ações que tratavam destas questões.

As iniciativas criadas nos anos 20 até 40 a partir da intervenção do Estado na área da alimentação. Deram origem a serviços essenciais a época, tais como, o “Serviço Central de Alimentação, o Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS), o Serviço Brasileiro de Alimentação (SBA), o Serviço técnico de Alimentação (ITA) e o Instituto Nacional de Nutrição (INN). É necessário indicar que, a criação destes serviços seguia duas diretrizes “a aplicação social dos serviços do Estado” e “a correção dos hábitos alimentares da população”.

Assim espera-se que, possamos posicionar as lentes que (re)produzem o atual modelo de desenvolvimento, voltada a priorizar questões essenciais ligadas as políticas alimentares, aos pequenos produtores, ao consumo, as questões sanitárias e de saúde pública. Buscar a valorização de ações e iniciativas que promovam o combate a fome e a pobreza crônica que, há tanto assombram e ameaçam o Brasil. Pensar na valorização de setores estratégicos ligados a produção e consumo deve voltar a ser prioridade da agenda governamental. Resta torcer para que possamos aprender a lição desta vez, quando a crise passar, fazer o que deve ser feito para manter e resgatar políticas e ações que obtiveram êxito. Ou será que com passar do tempo tudo será esquecido até a próxima crise?

Josemar Hipólito da Silva

Doutorando em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS)

GEPAD (Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Alimentação, Agricultura e Desenvolvimento).